



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1240

**INTELECTUAIS, CENTRO E PERIFERIA:  
REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DE INTELECTUAIS A PARTIR DO CENTRO  
CULTURAL EUCLIDES DA CUNHA, PONTA GROSSA (PR), ANOS 1950.**

Erivan Cassiano Karvat  
(PPGH/DEHIS UEPG)

**Resumo.** A presente comunicação, em diálogo com a História Intelectual, pretende problematizar um aspecto de natureza epistemológica para o estudo regional/local de intelectuais: a relação entre centro e periferia como possibilidade para uma caracterização de intelectuais alocados fora de espaços considerados como centros de produção intelectual, geralmente situados historicamente nas capitais de estado ou em universidades consolidadas. Ressalte-se que a preocupação que guia esta discussão advém de um problema empírico, uma vez que foi originado a partir de reflexões em torno de intelectuais – notadamente “provincianos” – e que na passagem da década da primeira para a segunda metade do século XX produziram na cidade de Ponta Grossa, interior do Estado do Paraná, vinculados a um espaço de sociabilidade intelectual, o Centro Cultural Euclides da Cunha, criado em fins da década de 1940. Portanto, na dificuldade de se estabelecer uma melhor compreensão destas personagens, vimos a necessidade de pensá-los relacionadamente, principalmente a partir dos dilemas e questionamentos em relação ao conhecimento proveniente dos centros, caracterizado tendencialmente como um conhecimento especializado e/ou progressista, ao contrário daquele cenário periférico, de viés marcadamente conservador. A partir de tal questão é possível também focar-se questões vinculadas à escrita (ou políticas da escrita) da história de intelectuais, do pensamento social e/ou uma história da historiografia, pensando-se acerca dos mecanismos desta escrita, suas exclusões e silenciamentos. Deve ser o mesmo que foi apresentado na inscrição.

**Palavras-chave:** intelectuais regionais; centro e periferia; história intelectual

**1.**

O *Centro Cultural Euclides da Cunha* (CCEC) foi fundado em Ponta Grossa em 6 de maio de 1948 e permaneceu em atividade até 1985. Seu fundador foi o

professor Faris Antonio Salomão Michaelle, aparentemente a principal figura da instituição – falecido em 1977. O acervo documental e bibliográfico deixado pelo *Centro* se encontra atualmente no Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – doado no final da década de 1990, em conformidade ao estabelecido no próprio estatuto do CCEC – de setembro de 1948 – que previa que, em caso de desativação da instituição, sua biblioteca fosse repassada a uma instituição cultural. Como consequência da doação, o CCEC e seu acervo passaram a se constituir em objeto de pesquisas acadêmicas a partir já do final daquela década.

O desenvolvimento da literatura, das ciências e artes aparece como um das intenções primordiais do grupo, da mesma forma, intercâmbio cultural com outros intelectuais e congregações culturais do estado também era objetivo basal e, de fato, uma constante para o CCEC, percebida, sobretudo, nas contribuições ao seu jornal: o *Tapejara*.

Os nomes que integravam o CCEC de Ponta Grossa – uma sociedade marcada, por um lado, por tons significativos de conservadorismos/tradicionalismo e, de outro, assolada por um contexto com tendências modernizadoras – devem ser vistas como representativas de posições pertinentes do espaço social, congregando, entre outros, professores, jornalistas, comerciantes, juristas, engenheiros, médicos, radialistas, poetas, geógrafos, economistas, vereadores, desembargadores e militares. Os *euclidianos* promoviam, além de suas reuniões mensais, palestras e cursos que eram tratados na sessão notas e notícias culturais do *Tapejara*. Da mesma maneira, ao promover eventos culturais como a *Semana Euclidiana* – toda segunda semana de agosto – ou mesmo comemorações relacionadas ao folclore, dia do Índio, dia Pan-Americano e dias de importantes literatos, pareciam interessados em atrair – para as questões referentes à literatura, à identidade e à história, incitando o hábito e o apego por elas – os cidadãos locais não pertencentes ao *campo intelectual*.

É preciso lembrar que ao se espalhar pelo Brasil, o *euclidianismo* adquiriu novas cores e ampliou suas finalidades com a adesão de intelectuais das mais variadas tendências e credos, como observa Ditzel (1998).

Assim, inspirados na figura de Euclides da Cunha e sua obra, buscavam

compreensão acerca do povo brasileiro, como se responsáveis pela divulgação e continuação do trabalho do autor de *Os Sertões*. O *Centro* objetivava, desde o primeiro número de seu *Tapejara*, destacar o caldeamento de raças nas raízes do brasileiro, principalmente indígenas, mas também a influência do português e em última instância, do negro. Não só abordavam problemas neste sentido, como debatiam temas então atuais, como a eleição de Getúlio Vargas em 1950, a conjuntura econômica da época (uma economia de guerra e seus problemas devido à guerra fria); a construção de Brasília em 1960 – inclusive Juscelino Kubitschek sendo considerado o presidente dos euclidianos – que se demonstram cativados por seu Plano de Metas modernizador e pelo desenvolvimento do planalto central (DITZEL, 1998).

Estes intelectuais, que muitas vezes nasciam no interior e dali raramente saíam, buscaram através da agremiação cultural buscavam construir, por um lado, uma imagem de nação unificada e, por outro, dar destaque ao regional. Na maioria das vezes eram autodidatas e portadores de uma cultura livresca, percebendo-se que alguns se especializariam em diversos campos da cultura, aparecendo como integrantes de diversos círculos de cultura. Em geral escreviam na imprensa local e regional e tinham dificuldade para publicar suas obras e por isto a relevância do *Tapejara*. Autoditadas, além manter suas profissões, viraram professores, *historiadores* e jornalistas, autoapresentando-se como “responsáveis pela preservação, produção, disseminação da cultura no interior do país.” (DITZEL, 1998:94).

Os idealizadores do jornal *Tapejara*, sendo Faris apontado como o principal deles, projetaram edições trimestrais, porém durante seus 26 anos de tiragem, foram publicados apenas 24 números. A primeira publicação data de três de setembro de 1950, um ano muito ativo para o CCEC (que completava mais de 2 anos de atuação) e para a cidade, cuja Faculdade de Filosofia começa a dar seus passos; ano em que se comemorava pela primeira vez a Semana Euclidiana em Ponta Grossa e em que era inaugurado, como uma dependência do CCEC, o Museu Campos Gerais (no dia 15 de setembro – aniversário da cidade). O teor das palestras da grande semana comemorativa, destacadas ao público através da Rádio, foi praticamente o corpus do primeiro *Tapejara*.

Ao longo da trajetória do *Tapejara*, entre 1950 e 1976, percebe-se, em diferentes artigos e discussões, representações e discursos acerca das questões da identidade e da região. Voltar-se, assim, ao CCEC e o seu veículo de circulação de ideias, nos faz recorrer aos problemas característicos que interessam a uma *História Intelectual*, principalmente no que toca às questões referentes as relações entre os integrantes do *Centro* – aqui tomados como *intelectuais* e a própria instituição da qual faziam parte.

Como nos lembra Carlos Altamirano, o discurso do *intelectual* é enunciado “a partir de uma posição de verdade” (2005:20), notabilizando-se, logo, como *fala autorizada*, atrelada a um espaço (institucional) de legitimação e produção deste discurso. O intelectual, ao ser tomado em sua vinculação à uma comunidade interpretativa, parece-nos propiciar, ao menos em parte, a prevenção aos equívocos destas abordagens nomeadas acima. Através dessa relação de pertencimento, portanto, institucional, cremos nos aproximar de uma relação que é, antes de tudo, cultural, posto que é social e histórica, e por isto política. Assim, o intelectual – sempre circunscrito social e historicamente e pensado a partir da sua vinculação ou pertencimento – se nos apresenta, além de produtor de ideias, como receptor (ou intermediador). Disto se abrem, por exemplo, possíveis ênfases sobre o emprego das noções de itinerário (ou trajetória), geração e sociabilidade apontados por Sirinelli e que sugerem efetivas possibilidades de aproximação ao tema e de análise (Sirinelli, 1996:245). Da mesma maneira, cabe lembrar que se os intelectuais se apresentam sujeitos a uma comunidade (instituição) que os circunscreve, esta mesma comunidade é por eles mesmos definida. Agentes portadores de instrumentos simbólicos, tal relação (intelectuais e pertencimento institucional) pode também ser, assim, avaliada segundo o conceito de campo – donde campo intelectual – sugerido por Pierre Bourdieu e que supõe relações de interação e tensão (Bourdieu, 1996: 208) bem como um sistema de posições, seja entre os agentes, seja entre os grupos (Bourdieu, 1987:208). Em relação à veiculação das ideias, percebe-se que as revistas de circulação periódica – aqui entendidas como *instâncias intelectuais autorizadas* – se constituem em foco prioritário de análise da pesquisa, voltadas às configurações do campo intelectual, considerando que o intelectual se notabiliza ao tornar públicas suas opiniões e envolver-se nas

polêmicas do seu tempo. A autoridade que tal veículo representa advém do fato de permitir a divulgação das ideias e, claro, possibilitando “reconhecimento” e legitimando tomadas de posição. Em outros termos, entendemos que é necessário salientar a importância do periódico na medida em que avaliação e aceitação das ideias pela comunidade (*de pares*, principalmente) confere consagração, conferindo, também, autoridade. Enfim, as condições para a configuração de uma “elite intelectual” – ainda que “local” – parece se constituir a partir da consolidação de trajetórias vinculada aos grupos que produzem bens culturais e utilizam o crescimento do mercado editorial para ampliação da demanda deste tipo de produção cultural e científica. O *Tapejara* pode, assim, evidenciar as possibilidades de *apropriação* das ideias e sua circulação (num meio *periférico* ou *provinciano*).

O *Centro Cultura Euclides da Cunha* teve na década de 1950 seu período mais ativo. Neste sentido, tanto o seu ano de fundação – às vésperas daquela que seria sua década de sua maior atividade – bem como, e principalmente, a própria década de 50, possibilitam levantar questões referentes a mudanças determinantes no campo intelectual brasileiro. Tais transformações permitem problematizar o “lugar” de nosso objeto (o Centro e seus integrantes), apontando para um jogo de imbricações entre o local e o nacional, o recorrentemente saudado e/ou *lembrável* e o esquecido, o consagrado e o periférico. Principalmente, permite que lembremos a(s) dinâmica(s) de constituição de tais referências, num movimento que acompanha a própria (re)definição do campo acima aludido.

Assim, se cabe lembrar, com BOURDIEU (1987), que o campo intelectual – e determinados estados de sua estrutura – é definido, fundamentalmente, por um sistema de relações e que, como tal, pressupõe também relações de hierarquia e poder e posições políticas, é fundamental buscar o entendimento dessas imbricações, focando a relação *problemática* do *intelectual regional* (VILHENA, 1996) – e, portanto, em um cenário que aqui podemos inferir como *periférico* – com os centros de produção/circulação/divulgação e, por extensão, as mecânicas de produção de consagração e de esquecimento.

## 2.

Faz-se necessário observar, como já feito em outro momento (MACHADO ;

KARVAT, 2013), que a divisão centro/periferia tem recebido nas últimas décadas diversas críticas. De certa forma, a oposição poderia ser falsamente tomada numa forma de “paired concepts”, comuns às Ciências Sociais, cujo uso parece confessar (ou denunciar) a relações de origem destas Ciências – e da Sociologia, em particular – com a Filosofia. Assim, se são provocadas e mantidas as oposições clássicas entre objetivo X subjetivo ou ideal X material, coletivo X individual – além de consciente X inconsciente ou interior X exterior (CORCUFF, 2001:11-16), poder-se-ia também supor o problema do centro X periferia dentro desta mesma tendência de oposição binária e, portanto, reducionista. Ainda em relação às críticas endereçadas ao uso da oposição centro/periferia, podemos lembrar, por exemplo, de novas possibilidades de abordagens que se voltam à problematização do euro-colonialismo nas Américas e seus desdobramentos (HANCIAU, 2010).

Contudo, avalia-se que – para nossos intentos – a noção de periferia, em relação a determinadas produções, personagens e formas de apropriação e circulação de idéias, ainda assim, pode se apresentar como uma instigante possibilidade de *problematização* a ser considerada. E aqui, mais uma vez, somos tentados a concordar com Ricupero (2011, p. 100), que vê que “possibilidades bastante interessantes e não evidentes para uma análise centro e periferia são indicadas quando se estende esse tipo de investigação para além de seus domínios tradicionais, como a economia, a sociologia e a política”.

Deste modo, sugerindo possibilidades de análise, a relação centro/periferia não pode ser tomada como um dado acabado ou fechado, posto que resulta, justamente, de uma perspectiva relacional. Em outros termos, a existência de uma periferia caracteriza-se *relacionalmente* em função da existência de um centro, sendo este lido, também, *em relação* a sua periferia. Perceber tal relação, bem como a definição acerca de seus papéis e atribuições, sugere um profícuo viés investigativo. Ainda neste sentido, cabe lembrar que, historicamente, o primeiro locus que procurou a interpretação acerca da relação entre estes termos foi a CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina – criada em 1947. Lembremos, ainda em relação a isto, da insurgência de Raul Prebisch, primeiro secretário executivo da CEPAL, contra o que chamou de “*falso sentido da universalidade* da teoria econômica quando *contemplada da periferia*”

(RICUPERO,2011:95). Talvez, em um grupo de estudos voltado à temática que aqui nos reúne, tal insurgência ou perspectiva seja também instigante para se pensar acerca de idéias, intelectuais e textos – temas que se afiguram como chaves dentro do ateliê do interessado no Pensamento Social, para usar uma expressão corrente entre os estudiosos (a partir de sua adoção pelo Cpdoc/FGV). Herdeiro das discussões a respeito da *Teoria da Dependência* e utilizando-se as noções de centro e periferia merece lembra-se, ainda, a produção seminal de Roberto Schwarz sobre a literatura de Machado de Assis (ou sobre a relação desta literatura) e a realidade social do capitalismo periférico. Talvez, neste sentido, atendendo o reclame acima de Bernardo Ricupero sobre “possibilidades bastante interessantes e não evidentes para uma análise centro e periferia”, pode-se ver em Schwarz uma excelente abertura para uma discussão em torno de uma ideia de História Intelectual a partir daquilo que podemos entender como uma crítica às abordagens tradicionais de uma história das idéias latino-americana, história esta preocupada com uma especificidade (ou peculiaridade) da cultura latino-americana e sua história e que, tendencialmente, empobreceram a compreensão das idéias europeias e seu curso e sua circulação, redundando naquilo que Poccock chama de “reducionismo contextual” (PALTI, 2014:64).

Toma-se, aqui, a *História Intelectual* a partir, de pelo menos, sua função em restituir as idéias e elucidar “os contextos de produção e de recepção” de obras, permitindo “uma melhor apreensão dos universos intelectuais” (SILVA, 2002:13). Da mesma forma reconhece-se que ela focaliza “dois polos de análise, de um lado o funcionamento do campo, suas práticas, suas regras de legitimação, seus habitus e suas estratégias, e de outro lado as características de um momento histórico e os modos de funcionamento e atuação da comunidade intelectual” (PANIZZOLO, 2011:76). Perceber, portanto, a constituição dos discursos dos chamados *intelectuais*, nos faz recorrer aos problemas característicos que interessam a uma *História Intelectual*, principalmente no que se refere às questões referentes às relações entre esses *autores* (aqui tomados como os *intelectuais*) e os *lugares* aos quais pertencem – instituições – dos/nos quais elaboram, evocam e enunciam seus *discursos*. Poderíamos, aqui, problematizar esses lugares em termos de centro ou periferia. Como nos lembra Carlos Altamirano, o discurso do *intelectual* é enunciado

“a partir de uma posição de verdade” (2005:20), notabilizando-se, logo, como *fala autorizada*, atrelada a um espaço (institucional) de legitimação e produção deste discurso.

Em se tratando de uma investigação acerca de intelectuais (sua produção, trajetória e vinculações), faz-se necessário reconhecer, evidentemente, as ditas produções periféricas, ou não consagradas (bem como a vinculação entre o não consagrado/periférico e o canônico/central), produções que dão a ler possibilidades outras e variadas acerca da circulação de ideias e discursos. Tratando-se de contextos de recepção, apropriação ou ressignificação de ideias, a História Intelectual deve evidenciar o lugar e o papel destes *intelectuais* – tomados como *mediadores, divulgadores, rotinizadores, portadores* ou, apenas, *leitores* inscrevendo-os, portanto, como fundamentais para a compreensão quanto à circulação de idéias e textos, responsáveis pela produção de sentido no campo das idéias e de significado quanto à uma possível autoridade dos autores divulgados. Da mesma forma, o foco sobre tais atores – e seus textos – a partir da tensão posta na polaridade centro X periferia, tomado aqui a partir de suas possibilidades heurísticas e, portanto, sem qualquer intenção de marcar dicotomias ou crer que elas existam num plano que não o da própria abstração proveniente da pesquisa.

Lembramos com Carlo Ginzburg, que nos permite recolocar a questão da relação centro X periferia de um ponto de vista histórico/historiográfico, que tal relação, além de congrega diferentes sentidos, não pode ser avaliada como passiva, numa dimensão de termos que são mais complementares que antitéticos. Conforme diz o historiador italiano, referindo-se ao campo da história da arte italiana:

Se o centro é por definição o lugar da criação artística e periferia significa simplesmente afastamento do centro, não resta senão considerar a periferia como sinônimo de atraso artístico, e o jogo está feito. Trata-se, bem vistas as coisas, de esquema subtilmente tautológico que elimina as dificuldades em vez de tentar resolvê-las. Experimente aceitar os termos “centro” e “periferia” (e as respectivas relações) na sua complexidade: geográfica, política, econômica, religiosa – e artística (GINZBURG,1991:6).

Poderíamos neste caso, em especial, também falar em complexidade intelectual ou da produção intelectual, entendendo nesta a dimensão da circulação, apropriação e usos dessa produção pelos atores acima referidos (mediadores/portadores, etc...)?

Complexificar tal entendimento supõe – a partir da tensão centro X periferia – buscar, na expressão de María Del Mar Carnicer e Rebeca Camaño Semprini, características particulares e lógicas diversas que “contradizem a tradicional imagem de homogeneidade (...) contribuindo para a complexificação do conhecimento histórico” (CARNICER ; SEMPRINI, 2014). Neste sentido, o olhar sobre o local, o regional ou o periférico pode ser bastante significativo no plano de uma História Intelectual, pois pode projetar interesses em aspectos nem sempre percebidos quando se parte de um olhar que tende a homogeneizar ou universalizar determinadas leituras ou interpretações, não reconhecendo possibilidades postas pela circulação de idéias e textos, por suas apropriações e usos – usos que emanam de interesses e possibilidades postas justamente por isto que podemos chamar de uma mudança de cenário. Neste sentido, determinadas idéias e autores tendem a serem lidos conforme disposições de questões locais/regionais/periféricas ou, ainda, determinadas idéias e autores tendem a permanecer no campo de interesse deste cenário mesmo quando já – do ponto de vista do centro – terem sua “credibilidade” enfraquecida.

Ginzburg, mais do que apontar uma reificação ao uso da oposição centro X periferia, assinala, através do estudo da história da produção da arte italiana, para a constituição histórica desta oposição, observando que tomar toda forma de “atraso” como periférico ou toda periferia com “retardatária” implicaria em adotar uma visão linear da história dessa forma de produção:

Deste modo acaba-se por procurar na arte da periferia aqueles elementos, aqueles cânones, aqueles valores que são estabelecidos tendo precisamente como base os caracteres das obras produzidas no centro; e no caso de se reconhecer a existência de cânones diferentes, esses são examinados só em relação ao paradigma dominante, com um procedimento que leva facilmente a juízos de decadência, de corrupção, de baixa de qualidade, de rudeza, etc. (GINZBURG, 1991:53).

Ainda que em Ginzburg se fale em “autonomia da periferia”, para nós interessa ainda mais o reconhecimento daquilo que podemos chamar de *dinâmica* da produção da periferia, menos preocupados com o caráter de autonomia. Tal reconhecimento ao se voltar sobre intelectuais alocados fora dos centros de reconhecida de nobilidade intelectual (portanto, podemos dizer algo como “*extracêntricos*”) – persegue justamente aquilo que se apontava acima, a

complexidade no campo de produção das ideias e, desse modo, sobre intelectuais e textos, reconhecendo a própria complexidade da relação entre ideias, intelectuais e textos alocados em centros de produção e ideias, intelectuais e textos alocados na fora destes centros e portanto, à periferia. Voltando-nos à citação posta no início deste *paper*, é necessário romper com a resignação de uma escrita de história que vivifica as leituras feitas a partir de cânones estabelecidos no Pensamento Social, resignação que é construída e, portanto, interessada. E mais que isto, portadora de sentidos que justificam determinados modos de compreensão e de autoridade (intelectual) e, com isto, promotoras de seleções e silenciamentos. Adotar a relação do periférico correspondendo ao atrasado justifica, resignadamente, o desinteresse, até pouco recente, em torno de ideias, intelectuais e textos compreendidos como periféricos, o que lhes conferia a adjetivação de pouco pertinentes. Relação e entendimento que, no campo da História intelectual, não se validam.

Para finalizar propõe-se, para se pensar a questão da relação entre Centro X Periferia, e principalmente amparado nas recomendações que se pode tomar da leitura de Ginzburg, um olhar menos resignado/condescendente e talvez mais construtivista sobre o problema. E aqui se entende construtivista a partir das sugestões de Philippe Corcuff, que de forma simples e direta, lembra-nos que “as realidades sociais são apreendidas como construções históricas e cotidianas dos atores individuais e coletivos”, sendo que, neste sentido, a *historicidade* se constitui numa categoria incontornável (CORCUFF,2011:26). Dado que o mundo social – e diríamos, suas representações – se constrói historicamente (a partir das chamadas pré-construções passadas e as formas sociais passadas são ressignificadas, cabe ao trabalho de *problematização* acerca dessas construções e ressignificações, rompendo com qualquer aspecto que naturalize ou “atemporalize” – ou, ainda, “linearize” – tais elaborações. Cremos, ter-se neste aspecto, um ponto de partida para investigações que se voltem ao Pensamento Social reconhecendo a construção histórica de ideias, textos e autores, bem como da construção histórica em torno das representações em torno de ideias, textos e autores, ponto de partida que demandando a compreensão de suas próprias historicidades, evidencia para a necessidade da própria *desconstrução* dessas mesmas elaborações.

Longe de se buscar conferir ao *periférico* um *lugar* de destaque – ou querer erigi-lo subversivamente ao lugar de *centro* – o que em nada demoveria o caráter empobrecedoramente dicotômico já sugerido – cabe ao Pensamento Social se ater a estes leitores, suas leituras e textos para propiciar, por exemplo, o entendimento acerca da *rotinização* de idéias ou da permanência de noções e interpretações anacrônicas tomadas em consonância com interesses que provenientes do próprio *local* e não poucas vezes reiteradoras de credos passadistas ou conservadores. Em outros termos, não se deve buscar içar tais intelectuais a um suposto cânone mas – rompendo, sim, com o desinteresse e as condescendências – procurar pensá-los a partir de sua própria complexidade.

## Referências

ALTAMIRANO, Carlos. **Para un programa de historia intelectual**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Campo do poder e habitus de classe. In. **A economia das trocas simbólicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

CARNICER, María del Mar ; SEMPRINI, Rebeca Camaño. El peronismo a escala local y regional: balances historiográficos y avances empíricos. **Coordenadas: revista de história local y regional**. Lugar: Rio Cuarto, 2014. P. 89-93.

CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias: construções da realidade social**. Bauru:Edusc, 2001.

DITZEL, C. de H. M. **O arraial e o fogo da cultura: os euclidianos pontagrossenses**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 1998.

GINZBURG, Carlo. História da arte italiana. In. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: difel, 1991. p. 5-93.

HANCIAU, Nubia Jacques. Entre-lugar. . In. FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. 2. Ed. Niterói: EdUFF / Juíz de Fora: EdUFJF, 2010. p. 125-141.

KARVAT, E. C. ; GUEBERT, C. A. Intelectuais, idéias e instituições em cenário periférico: o Centro Euclides da Cunha, Ponta Grossa, 1948-1985 (notas de leitura). In. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**: conhecimento histórico e diálogo social. Anpuh: Natal, 2013.

MACHADO, Valeria F. ; KARVAT, E. C. Sobre as (difícilíssimas) relações entre intelectuais, ideias e periferias ou o que se quer dizer quando falamos em produção intelectual e/ou circulação de ideias em espaços não consagrados. In. **Anais do I Congresso Internacional de História Unicentro/UEPG**: História e Cultural-identidades e regiões. Irati:Unicentro, 2013.

PALTI, Elías J. O problema de “as idéias fora do lugar” revisitado: para além da “história das ideias na América Latina. In. MAIA, João Marcelo E. et al. (orgs). **Ateliê do pensamento social**: ideias em perspectiva global. Rio de Janeiro: FGV, 2014. P. 57-75.

PANIZZOLO, Cláudia. A história intelectual e a história de um intelectual da educação brasileira. **Ponto e vírgula**: revista do programa de estudos pós-graduados em ciências sociais da PUC-SP, São Paulo, 10, 2011. p. 74-88.

RICUPERO, Bernardo. O lugar do centro e da periferia. In. BOTELHO, André ; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Agenda brasileira**: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 92- 101.

SILVA, Helenice Rodrigues da. História intelectual: condições de possibilidades e espaços possíveis. In. **Fragmentos da história intelectual**: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papyrus, 2002. p. 11-27.

VILHENA, L. R. Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das ciências sociais nos anos 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 32, out. 1996.